

# ARQUEIRO

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS





# ARQUEIRO

ISSN 1518-2509

GOVERNO DO BRASIL  
PRESIDENTE DA REPÚBLICA  
Fernando Henrique Cardoso

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Paulo Renato Souza

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL  
Marilene Ribeiro dos Santos

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS  
Stny Basilio Fernandes dos Santos

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO  
Leila Couto Mattos

COORDENAÇÃO DE PROJETOS EDUCACIONAIS E TECNOLÓGICOS  
Mônica A. de Carvalho Campello

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS  
Marisa Marins Viola

EDIÇÃO  
Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES  
Rio de Janeiro - Brasil

PRODUÇÃO GRÁFICA  
Imprinta

TIRAGEM  
4.000 exemplares

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO  
Professor André Luiz da Costa e Silva / Psicóloga Carla Verônica Machado Marques  
Fonoaudióloga Marisa M. Viola / Fonoaudióloga Mônica A. de C. Campello  
Professora Simone Ferreira Conforto  
Professora M. Marta Ciccone / Professora Leila Couto Mattos

Contribuições, bem como pedidos de remessa deverão ser encaminhados para:



INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS  
Comissão de Publicação

Rua das Laranjeiras, 232 - 3º andar CEP 22240-001 Rio de Janeiro / RJ - Brasil  
Telefax: ( 0xx21) 2285-7284 / 2285-7393 / 2285-5107  
e-mail: ddhct1@ines.org.br

Arqueiro

vol. 6 (Dezembro) Rio de Janeiro  
INES, 2002

Semestral  
ISSN 1518-2945

1- Arqueiro - Instituto Nacional de Educação de Surdos

# ÍNDICE

**EDITORIAL** 3

**O QUE FAMILIARES DE SURDOS TÊM A DIZER SOBRE UM ATENDIMENTO EDUCACIONAL BILÍNGÜE** 5

Juliana Cardoso de Melo Rocha e Tércia Regina da Silveira Dias

**O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PROMOVEDO A INCLUSÃO DIGITAL SOCIAL DE UMA PESSOA PORTADORA DE NECESSIDADES ESPECIAS AUDITIVAS** 9

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen, Klaus Schlünzen Junior, Daniela Jordão Garcia, Danielle Aparecida Nascimento dos Santos, Flavia dos Santos Silva e Flaviana dos Santos Silva

**BRINCANDO E APRENDENDO SOBRE A DEFICIÊNCIA AUDITIVA: RELATOS E EXPERIÊNCIAS** 15

Cyntia F. Cavalcante de Andrade, Lidiane Palheta Miranda e Hermínio T. Santos

**INCLUSÃO X EXCLUSÃO** 19

Luisa Bergmann

**TEATRO PARA SURDOS - UMA ABORDAGEM DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO DO NÃO VERBAL AO VERBAL** 21

Teresa Cristina Siqueira Rüde e Paula Guerchon

**INCLUSÃO DO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA NO ENSINO COMUM: UMA PROPOSTA AUDIOFONATÓRIA ALTA FLORESTA/MT/1999** 25

Fga. Roanita F. S. de Britto Redondo

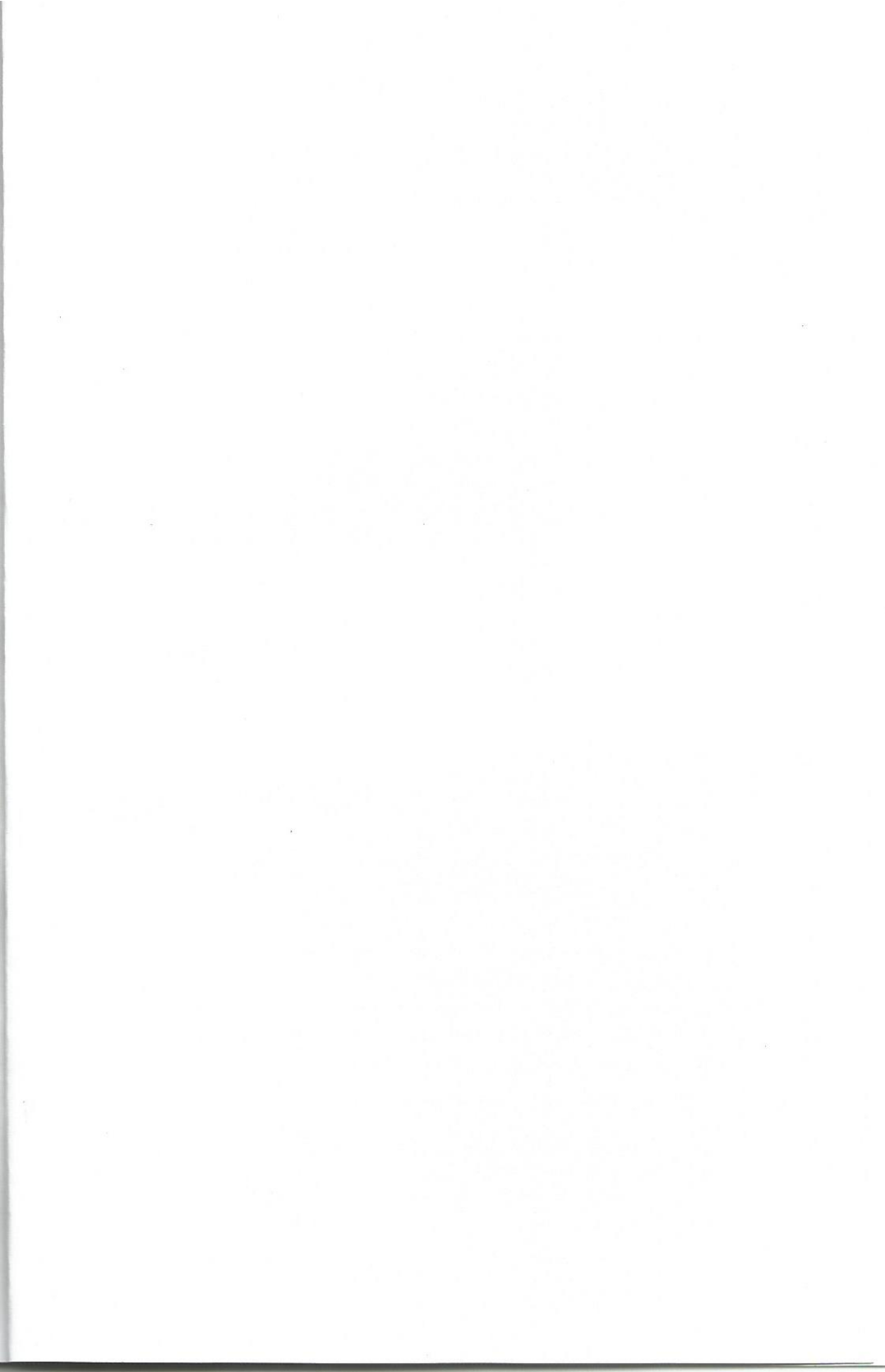
## EDITORIAL

O Arqueiro nº 6 traz temas variados que refletem a diversidade de estudos e pesquisas desenvolvidas na área da Surdez.

Nesse sentido a proposta atual de Educação Inclusiva, sempre presente, nos diferentes fóruns, dá sua contribuição quando mobiliza profissionais instigando-os à produção de novos conhecimentos.

Com vocês o Arqueiro nº 6.

Leila Couto



# O QUE FAMILIARES DE SURDOS TÊM A DIZER SOBRE UM ATENDIMENTO EDUCACIONAL BILÍNGÜE.

*Juliana Cardoso de Melo Rocha<sup>1</sup>*

*Tárcia Regina da Silveira Dias<sup>2</sup>*

A família assume um papel significativo no desenvolvimento da criança, principalmente da criança surda, pois é ela uma das instâncias responsáveis para suprir, por meio do diálogo contextualizado, a falta de informações a que os surdos estão sujeitos (Goldfeld, 1997).

Estudos relativos à influência da família sobre o processo educacional de crianças surdas e ao notório prejuízo no desenvolvimento cognitivo, emocional e social dessas crianças decorrentes do atraso da linguagem indicam a importância de se realizar intervenções educacionais junto às famílias dos surdos (Dias et al., 1999; Lima, Maia e Distler, 1999; Hoffmeister, 1999).

Para evitar a instalação de um atraso de linguagem ou para minimizar as suas conseqüências, quando ele já estiver instalado, é necessário que os surdos sejam expostos a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), o mais cedo possível. Para que esse contato precoce aconteça devem ser criadas condições para que a família possa se comunicar com seu membro surdo, estabelecendo um intercâmbio mais fluente e efetivo entre pais ouvintes e filhos surdos.

Foi acreditando nisso que se organizou, em 1998, um atendimento a surdos e seus familiares na Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) denominado "Atendimento Interdisciplinar ao Aluno Surdo". Tal serviço oferece aos surdos grupos de apropriação da LIBRAS e ensino do português na modalidade escrita e oral. Os familiares participam de grupos de ensino de LIBRAS e de apoio<sup>3</sup>.

Mediante a organização desse serviço e a escassez de pesquisas voltadas para essa proposta educacional, este estudo dispôs-se a conhecer o que familiares de surdos, individualmente, pensavam sobre o seu processo de atendimento em grupo, objetivando avaliação sistemática e eventuais reformulações desse serviço.

---

<sup>1</sup> Fonoaudióloga, Mestre em Educação Especial e Prof.<sup>a</sup>. do Curso de Fonoaudiologia da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) e Membro da Equipe de Coordenação do Projeto "Atendimento Interdisciplinar ao Aluno Surdo".

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia, Docente da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), Orientadora do Programa em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Coordenadora do PrSurdo".

<sup>3</sup> Para maiores informações consultar Dias, Caporali & Pedroso, 2001a.

**Método:** Foram entrevistados 20 familiares ouvintes de surdos que freqüentaram grupos de apoio e de ensino de LIBRAS oferecidos pelo serviço “Atendimento Interdisciplinar ao Aluno Surdo”. Para realização das entrevistas utilizou-se um roteiro previamente estruturado que contemplava, entre outros, aspectos relacionados ao processo de aprendizagem dos sinais e ao processo grupal. As entrevistas foram todas transcritas na íntegra e suas respostas aglutinadas por questão. Esse material foi lido e relido e seus dados tabulados de acordo com os temas centrais. Dentro de cada tema foram identificados subtemas referentes aos elementos que pareceram mais significativos do processo educacional bilíngüe do familiar.

**Apresentação dos dados e discussão:** Os familiares freqüentavam as aulas de sinais, gostavam de tudo o que lhes era ensinado e aprender os sinais era o que consideravam mais interessante. Memorizar o vocabulário, pelo revelado, foi a maior dificuldade dessas pessoas. Sugeriram, visando aprimorar o método utilizado pelo instrutor surdo, o uso da fala, da escrita e do concreto como apoio nas aulas, o aumento do número de aulas por semana e a aprendizagem de sinais junto com seus filhos, demonstrando compreenderem a importância de adquirir uma língua de forma contextualizada durante a interação.

Em casa, os sinais eram utilizados para retomarem o que havia sido trabalhado com os filhos no atendimento, para conversarem sobre situações rotineiras e para explicarem *coisas* para os filhos. Os familiares ensinavam os sinais, principalmente, para o cônjuge e para os filhos ouvintes, revelando, apesar da dificuldade que possuíam, serem multiplicadores da língua e da cultura surdas na família e na sociedade.

No que se refere ao grupo de apoio, todos os familiares participavam e sentiam-se à vontade para exporem seus sentimentos. Identificaram-se como familiares de surdos e a troca de experiências e a oportunidade de desabafo eram as grandes contribuições dos encontros.

A fim de melhorar o desenvolvimento desses grupos sugeriram: aumentar o tempo de duração, utilizar mais depoimentos de familiares e diversificar mais os assuntos nas discussões. Adicionalmente, propuseram a implementação de um atendimento psicológico individual para os familiares que necessitassem de tal ajuda.

A vivência no grupo contribuiu para o aprendizado sobre o modo de viver dos surdos, favorecendo o processo de aceitação da surdez e o reconhecimento da importância da língua de sinais para a educação dos surdos, além de ter ajudado na solução de problemas particulares de alguns familiares. O grupo também corroborou para a união das famílias.

Com a participação nos atendimentos, os familiares notaram-se mais compreensivos e pacientes para se relacionarem com os filhos, mostrando que apesar do grupo ter uma proposta educacional, e não terapêutica, provocou mudanças emocionais em seus integrantes.

**Principais conclusões:** Ouvir os familiares foi válido porque são poucos os atendimentos para famílias de surdos numa abordagem bilíngüe em nosso país



e, também, porque permitiu perceber mudanças profundas na concepção dos participantes acerca do significado da surdez e da pessoa surda.

Outro ponto relevante foi a identificação entre os familiares e o quão positivo foi para eles a troca de experiências, principalmente para a aceitação da surdez e da língua de sinais.

Este estudo mostrou que é viável implementar trabalhos com familiares de surdos e o quanto eles podem beneficiar toda a família. Além disso, se configurou como um apoio aos coordenadores do serviço da UNAERP, na medida em que apontou críticas e sugestões ao serviço, possibilitando à equipe de coordenação rever suas posturas e redimensionar o atendimento de acordo com as expectativas de seus usuários.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DIAS, T.R.S.; MANTELATTO, S.A.C.; DEL PRETTE, A.; PEDROSO, C.C.A.; GONÇALVES, T. C. & MAGALHÃES, R.C. (1999). A surdez na dinâmica familiar: estudo de uma população específica. Espaço, 11. 29-36.
- DIAS, T.R.S.; CAPORALI, S.A. & PEDROSO, C.C.A. (2001a). Atendimento bilíngüe aos surdos: apresentando um serviço (Resumo). Em Universidade de Ribeirão Preto (Org.), Anais da II Jornada de Fonoaudiologia Universidade de Ribeirão Preto (p.16). UNAERP, Ribeirão Preto.
- GOLDFELD, M. (1997). A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus.
- HOFFMEISTER, R. (1999). Famílias, Crianças Surdas, O Mundo Dos Surdos E Os Profissionais de Audiologia. Em C. SKLIAR (Org.), Atualidades da Educação Bilíngüe para Surdos (pp. 113 – 130). Porto Alegre: Mediação.
- LIMA, R. P., MAIA, R. & DISTLER, S.D. (1999). Reflexão sobre um trabalho com famílias. Espaço, 11, 37-39.



# O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PROMOVENDO A INCLUSÃO DIGITAL E SOCIAL DE UMA PESSOA PORTADORA DE NECESSIDADES ESPECIAS AUDITIVAS

*Elisa Tomoe Moriya Schlünzen*

*Klaus Schlünzen Junior*

*Daniela Jordão Garcia*

*Danielle Aparecida Nascimento dos Santos*

*Flavia dos Santos Silva*

*Flaviana dos Santos Silva<sup>1</sup>*

O objetivo principal da pesquisa é usar as Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC como ferramentas potencializadoras para a construção do conhecimento de um portador de necessidades especiais auditiva, visando sua Inclusão Digital e Social. Dentro desta perspectiva, estamos criando um ambiente Construcionista, Contextualizado e Significativo, usando como estratégia o desenvolvimento de projetos partindo dos sonhos, desejos e interesses deste aluno, acreditando que ele poderá encontrar, na realização das atividades propostas, uma nova perspectiva de ser incluído digitalmente e socialmente. Além disso, com este trabalho, procuramos auxiliá-lo no processo de aquisição da escrita, uma vez que esse tipo de patologia leva-o a apresentar dificuldades em transpor as suas idéias para papel, uma vez que a grande maioria comunica-se por libras.

Assim sendo, buscamos incentivá-lo a realizar atividades que proporcionasse produção de textos. Como resultado, o aluno criou e-mails, rádios virtuais, e sua própria *Home-page*, usando sites da Internet, levando-nos a concluir, a partir de suas construções até o presente momento, mudanças em sua vida, fato que nos instiga a continuar a procurar novos caminhos para promover o aprendizado de todos sem distinção, de forma prazerosa e significativa.

## 1-INTRODUÇÃO:

Atualmente, o crescente processo de informatização da sociedade traz para o mundo atual a necessidade de todas as pessoas estarem num constante processo de aprendizagem, no sentido de adquirir competências individuais e sociais de comunicação e interação com o novo (Mantoan, 2001).

---

<sup>1</sup> Departamento de Matemática - Faculdade de Ciências e Tecnologia - Presidente Prudente - SP

Buscar o novo e interagir com ele torna-se um direito de todas as pessoas, sendo de extrema importância o acesso a uma aprendizagem Construcionista, Contextualizada e Significativa- CCS- (Schlünzen, 2000). A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, nº 9.394/96 apresenta-se como um marco muito significativo na Educação brasileira, uma vez que ela prevê a inclusão e a ampliação do atendimento educacional, em rede pública, aos educandos com necessidades especiais, nos níveis de Educação Infantil ao Superior (Portela & Schlünzen 2001).

No entanto, os cursos de licenciatura não oferecem em seu currículo uma capacitação específica para esta modalidade de ensino. Assim sendo, para nos adaptarmos a esta nova realidade, propomo-nos a pesquisar como atender alunos especiais de acordo com uma nova metodologia de ensino desenvolvida por Schlünzen (2000). Dentro desta perspectiva, fomos instigadas a atender um aluno portador de necessidade especial auditiva (P. 16 anos).

O desafio proposto inicialmente, exigiu de nós um repensar de valores e conceitos existentes, para promover uma inclusão social e digital<sup>2</sup> do sujeito envolvido na pesquisa, que é o nosso principal objetivo, sendo uma forma de garantir a equiparação de oportunidades e de direitos, através da aceitação e valorização da diversidade; exercício e cooperação entre diferentes; e aprendizagem da multiplicidade<sup>3</sup>. Este conceito caracteriza a inclusão social e digital de pessoas, indiferente de suas necessidades especiais, para que elas se sintam tão capazes de estar em contato com o mundo global quanto para qualquer pessoa isenta de limitações físicas ou mentais. O nosso objetivo também foi o de contribuir para uma aprendizagem prazerosa e significativa desse aluno, usando as Novas Tecnologias como ferramentas potencializadoras de habilidades, bem como a aquisição da escrita e da leitura.

Iniciamos as atividades com o aluno P., no mês de maio de 2002. No primeiro encontro, tivemos alguma insegurança em relação a comunicação, pois não tínhamos experiência com línguas de sinais, mas levamos em consideração o fato de que podemos aprender com nossas diferenças, desde que saibamos tratá-las com respeito e explorá-las como o atributo que singulariza e une os seres humanos (Mantoan, 2001). As dificuldades foram aos poucos sendo superadas na medida em que nos colocamos no papel de pessoas interessadas em aprender com ele para nos comunicarmos. Nessa inversão de papéis, percebemos que P. sentiu-se à vontade e fomos nos conhecendo por meio de um diálogo digitado no editor de textos Microsoft Word. Neste momento, relatamos o que gostávamos. P. lia no computador e interpretava em Libras tornando-se nosso professor naquele

---

<sup>2</sup> *Inclusão social: é o processo pelo qual a sociedade e o portador de deficiências procuram adaptar-se mutuamente tendo em vista a equiparação de oportunidades e, conseqüentemente, uma sociedade para todos (Sampaio, 2001). Inclusão Digital: direito de acesso ao mundo digital para o desenvolvimento intelectual (educação, geração de conhecimento, participação e criação) e para o desenvolvimento de capacidade técnica e operacional.*

<sup>3</sup> *O termo aprendizagem da multiplicidade pode ser estudado no site [www.tvebrasil.com.br/salto/ede/edetxt1.htm](http://www.tvebrasil.com.br/salto/ede/edetxt1.htm), acessado em 22/05/2002. (descreva resumidamente, isso não pode ficar assim)*

momento. Assim, percebemos as potencialidades de P. que está sempre em busca de novidades como músicas e automóveis, suas paixões. Esse fato se tornou evidente quando demos oportunidade para que ele fizesse uma pesquisa livre na Internet. Além disso, percebemos as dificuldades que P. apresentava em relação a escrita, quando construía uma frase no Word.

Nossa principal intenção era a de que pudéssemos nos apoiar mutuamente e que as necessidades específicas não fossem o ponto ou referência e sim os desejos e sonhos para que todos fossem atendidos dentro desse processo. A pretensão era de que superássemos os obstáculos, desenvolvendo os talentos, as tendências naturais, as habilidades, possibilitando uma mistura de talentos e histórias de vida das experiências individuais e coletivas.

Queríamos somar os talentos e também que o aluno reconhecesse a importância desse processo para o desenvolvimento dos projetos. A tendência foi a de que, a cada atividade e reflexão sobre os resultados, pudéssemos nos complementar e possibilitar que o aluno se desenvolvesse por meio de seu próprio caminho isotrópico<sup>4</sup>.

Para Piaget (1997) e Mantoan (1991) apud Valente (1993) quando o aluno reflete durante todo o processo das atividades desenvolvidas, possivelmente poderá provocar alterações na estrutura mental destes educandos. Assim, podendo haver, ao longo das atividades realizadas, um avanço na sua aprendizagem. Com esta pesquisa, estamos verificando os benefícios que o uso do computador está trazendo para a aprendizagem do aluno, bem como a efetiva inclusão digital e social, caminhando para a realização de seus sonhos a partir de suas expectativas e desejos pessoais e profissionais.

Contudo, acreditamos que a inclusão digital e social desse aluno não requer um ensino específico para a sua deficiência e/ou dificuldade. A aprendizagem deve considerar as suas habilidades e interesses, respeitando os seus limites, proporcionando um ensino de qualidade, promovendo atividades abertas, com as quais o aluno se descubra por si mesmo, de acordo com suas necessidades, competências e potencialidades ao desenvolver um projeto ou realizar uma atividade.

Considerando suas potencialidades e não suas limitações, é que estamos a cada dia junto com o aluno descobrindo quais projetos fazem parte de seu interesse e que demonstrem seus valores e experiências de vida. Desta forma, colocamos como centro de nossa prática a aprendizagem, abrindo espaços para a cooperação, o diálogo, a criatividade e o exercício do espírito crítico, tomando-nos abertos a uma mudança de postura quanto ao nosso papel de estimuladores e facilitadores do processo de ensino e aprendizagem, promovendo assim a inclusão digital e social de nosso aluno, que nos ensina a aprender na Biologia do Amor (Moraes, 2000).

---

<sup>4</sup> Vygotsky (1993, apud Schlünzen 2000) afirma que a pessoa portadora de necessidades especiais tem seus próprios caminhos para processar o mundo. Para o autor, a dificuldade do indivíduo faz com que ele se desenvolva por meio de um processo criativo (físico e psicológico) definindo-os como caminhos isotrópicos. Ou seja, o indivíduo portador de necessidades especiais pode encontrar seus caminhos por rotas próprias e diferentes.

## 2-DESCRIÇÃO DOS PROJETOS:

Para a realização da pesquisa estamos usando o computador, basicamente sites disponíveis na Internet, para facilitar a aprendizagem do aluno e evitar que outros educadores que pretendem apropriar-se das atividades não encontrem nenhuma dificuldade. Assim, a seguir faremos uma breve descrição de como a informática foi usada como uma ferramenta facilitadora e potencializadora nos projetos que foram e que vêm sendo desenvolvidos pelo aluno P., melhorando o seu processo de ensino-aprendizagem.

### • Projeto 1: Criar uma “Rádio Virtual”

Para realização desse projeto usamos como ferramenta da Internet o portal [www.usinadosom.com.br](http://www.usinadosom.com.br). Ao propormos este projeto, tínhamos como objetivo conhecer melhor o aluno, promovendo diversas formas de expressão corporal, diagnosticando as preferências musicais do aluno, visando desenvolver sua autonomia, dando-lhe a liberdade de escolha de um nome para sua rádio, das músicas de sua preferência e além disto verificando as suas habilidades ao explorar o portal para descobrir as ferramentas que este oferece. As Figuras 1 e 2 ilustram respectivamente o momento de visualização da rádio virtual criada pelo aluno e como ele consegue sentir ou ouvir as músicas. Como resultado, percebemos que o aluno manifestou satisfação ao demonstrar suas preferências musicais, fazendo com que os objetivos propostos fossem atingidos.



Figura 1- Visualização da rádio virtual Pablo



Figura 2- Mostra o aluno no momento em que ouve sua rádio

### • Projeto 2: “Criar uma Home Page”

Devido ao fato de o aluno P. demonstrar grande interesse por carros, copa do mundo e equipamentos de sons, foi proposta a criação de uma home-page apresentada na Figura 3, onde colocaria informações trazidas por ele e encontradas

em diversos sites. Além disto, com este trabalho, teria a oportunidade de desenvolver a habilidade para a leitura e para a escrita por meio de textos de sua própria autoria, pois seriam disponibilizados na Internet e lidos por outras pessoas, promovendo assim a comunicação e a troca com o mundo social e virtual. Percebemos que o aluno P teve um avanço significativo na aquisição da sua leitura e escrita, por meio de buscas em diversas fontes de informação, inclusive na Internet, conforme ilustra a Figura 4.



Figura 3: Página inicial da home-page : [www.pablok.com.br](http://www.pablok.com.br)

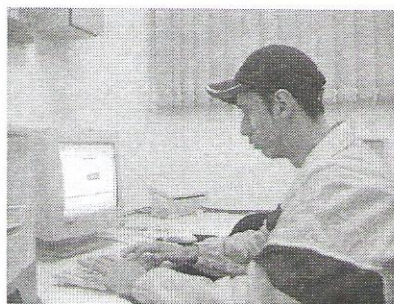


Figura 4: Momento de pesquisa na Internet

Diante do exposto, considerando os objetivos e resultados obtidos na realização da presente pesquisa, acreditamos que a metodologia adotada, baseada no desenvolvimento de projetos, possibilita uma aprendizagem contextualizada, significativa e prazerosa e que leva em consideração as expectativas, os sonhos e os desejos do aluno, correspondendo assim às metas propostas. Na realização de cada projeto, houve a possibilidade de analisar os avanços cognitivos e emocionais do aluno, tornando-o cada vez mais sujeito do próprio processo de ensino e aprendizagem, por meio do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, criando assim ambientes desafiadores que levaram o aluno a ter uma nova perspectiva de ser incluído na sociedade.

### 3-BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, M.E. (1999). *Informática e formação de professores*. Brasília: Ministério da Educação – MEC.
- FERREIRA, J. R. (1995). *A educação do portador de deficiência*. Piracicaba, Unimep.
- GIL, M. O que é inclusão social [disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/salto/ede/edetxt1.htm>] acessado em 25/05/02.
- JANNUZZI, G. (1998). *Por uma lei de diretrizes e bases que propicie a educação escolar aos intitulados deficientes mentais*. São Paulo, Cortez.

- MANTOAN, M. T. E. (2001). Por uma escola (de qualidade) para todos.
- In MANTOAN, Maria Tereza Eglér (org.). Pensando e fazendo educação de qualidade. São Paulo, Moderna.
- MORAES, M.C. (2000). Educar na biologia do amor. Artigo não publicado.
- \_\_\_\_\_, M.C. (2000). Descobrimo fluxo e aprendendo a desfrutar da aprendizagem e da vida. São Paulo, versão preliminar para estudo.
- MORAN, J.M. (1998). Mudanças na comunicação pessoal: Gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica. São Paulo, Paulinas.
- PORTELA, R.S. & SCHLÜNZEN, E.T.M. (2001). A Inclusão do Portador de Necessidades Educativas Especiais no Cotidiano Escolar. Relatório Fapesp, Presidente Prudente, S.P., p.8-30.
- SAMPAIO, J.(2001) O que é inclusão digital. [disponível em <http://www.inclusãodigital.org.br>].
- SCHLÜNZEN, E.T.M. (2000). O desenvolvimento de projetos e o uso do computador no ambiente de aprendizagem para crianças com necessidades especiais físicas. Viña Del Mar, Chile.
- \_\_\_\_\_, E.T.M. (2002). Escola inclusiva e as novas tecnologias. [disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/salto/tec/tectxt5.htm>] acessado em 25/05/02.
- VALENTE, J.A. (1991). Liberando a Mente: Computadores na Educação Especial. Campinas: Gráfica da UNICAMP.
- \_\_\_\_\_, J.A. (1993). "Por que o computador na educação?" Em J.A.Valente (org), *Computadores e conhecimento: Repensando a Educação*. Campinas: Gráfica da UNICAMP.
- \_\_\_\_\_, J.A. (1997). Informática na Educação: Instrucionismo x Construcionismo. Manuscrito não publicado, Núcleo de Informática Aplicada a Educação –Nied- Universidade Estadual de Campinas.



# BRINCANDO E APRENDENDO SOBRE A DEFICIÊNCIA AUDITIVA: RELATOS E EXPERIÊNCIAS

*Cynthia F. Cavalcante de Andrade<sup>1</sup>*

*Lidiane Palbeta Miranda<sup>2</sup>*

*Hermínio T. Santos<sup>3</sup>*

A importância da divulgação do mini-curso “Brincando e aprendendo sobre deficiência auditiva” deu-se a partir de nossas experiências práticas desenvolvidas no interior e na capital de nosso estado – Belém do Pará, pela metodologia adotada e os resultados alcançados através da junção de uma Terapeuta Ocupacional e o trabalho de uma Professora de 1ª a 4ª série que, antes mesmo, já era uma das melhores Intérpretes de nosso estado.

As pesquisas bibliográficas relacionadas a Surdez eram realizadas individualmente e/ou em grupo com materiais atualizados, mas o que mais tomou-se um destaque em nosso trabalho foi a forma como os participantes sentiam-se ao utilizar o corpo dentro das dinâmicas, relaxamento e vivências de jogos e brincadeiras propostas, a fim de relacioná-las à Surdez.

Sabe-se que a audição é um dos sentidos que permitem ao homem conhecer e responder aos estímulos do meio ambiente. É através dela que, ainda intra-útero, “o feto percebe a voz e os ruídos corporais” (Martinez, 1997), estabelecendo trocas afetivas com a mãe e com o mundo por meio de sons ambientais mais intensos. No que diz respeito ao desenvolvimento infantil, a audição assume, portanto, um papel imprescindível pelo fato de viabilizar o conhecimento do mundo por meio dos sons e, dependendo do estímulo do ambiente, permite o aparecimento da linguagem, a interação e a comunicação entre os indivíduos.

Conseqüentemente, a finalidade do brincar na educação infantil e fora dela tem sido, sem dúvida, levar a criança a compreender, conhecer e desenvolver habilidades que contribuam para seu desenvolvimento integral. Desta forma, as brincadeiras podem vir a influenciar positivamente em vários outros aspectos afetivos e sociais da criança, já que esta brinca a partir de sua própria realidade, de seu próprio meio, e tende a progredir na escola e em qualquer outro lugar de acordo com sua vivência.

---

<sup>1</sup>Graduada do curso de Formação de Professores, Pós-graduanda em Psicomotricidade e intérprete de Língua de Sinais da Universidade do Estado do Pará – UEPA.

<sup>2</sup>Terapeuta Ocupacional, Pós-graduanda em Psicomotricidade e intérprete de Língua de Sinais da UEPA.

<sup>3</sup>Graduando em Pedagogia - Ed. Especial e Intérprete de Língua de Sinais da UEPA

Estava traçado nosso desafio: fazer com que universitários (adultos) participassem de atividades quase extintas de seu meio social, ainda mais com a possibilidade, por menor que fosse, de parecerem “ridículos” uns frente aos outros. Para isto, em nossas atividades foram trabalhados diversos temas relacionados a atividades lúdicas: Normal X Deficiente; a importância do ato de brincar; O desenvolvimento infantil; A deficiência auditiva e seus mais variados aspectos; A relação familiar da criança surda e suas influências na escola, bem como suas diferentes abordagens educacionais; Fatos históricos da educação do surdo; Comunidade e Cultura surda; A importância da Língua Brasileira de Sinais; A música como suporte didático; Confeção de recursos didáticos a partir de sucata. Diante das exposições e discussões teóricas foram propostas atividades que envolviam o corpo, o movimento, a criatividade e a sensibilização para os diferentes conceitos que foram abordados, discutindo seus significados e valores e o brincar como recurso indispensável.

De acordo com nossas observações e relatos dos participantes, destacamos alguns resultados alcançados:

- Experimentaram a satisfação e o fascínio de conhecer o mundo dos surdos;
- A identificação dos sintomas e das causas reais dos problemas da surdez, foram interligadas a uma visão sócio-antropológica além da visão clínica;
- As questões referentes ao processo educacional do indivíduo surdo foram relacionadas de forma lúdica proporcionando, assim, um conhecimento particular de suas potencialidades e limitações;
- Participaram de atividades direcionadas aos surdos utilizando o ambiente como facilitador, proporcionando vivências das atividades práticas às experiências pessoais;
- Confeccionaram recursos didáticos a partir de sucata, a fim de favorecer o aprendizado da criança surda;

Em suma, sabemos da importância da língua de sinais no desenvolvimento cognitivo e social da criança permitindo a aquisição de conhecimentos sobre o mundo circundante. Sabemos também da necessidade da inclusão real e não utópica (impossível) em nossa sociedade, e é tempo de descobrimo-nos enquanto seres racionais dotados de conhecimento que devem ser compartilhados, a fim de contribuir na formação de agentes multiplicadores, para romper com pré-conceitos arraigados em nossa sociedade.

Desta feita, a partir do preâmbulo acima, afirmamos que a proposta aqui apresentada é um convite a desvendar e conhecer o mundo dos surdos, contribuindo para seu convívio social e conseqüentemente para a melhoria de sua qualidade de vida.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:**

- ANDRADE, C. F. C. Bilingüismo: uma abordagem educacional para surdos. TCC/UEPA, 2001.
- BRITO, L. F. Por uma gramática bilíngüe de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1995.

- BUENO, J. G. S. Diversidade deficiência e educação. Espaço Informativo-científico do INES, nº 12: INES, Rio de Janeiro, 1999.
- CERVELLINI, N. G. H. A criança deficiente auditiva e suas reações à música. São Paulo: Moraes, 1986.
- COUTINHO, D. LIBRAS e Língua Portuguesa (semelhanças e diferenças). João Pessoa: Arpoador, 2000.
- KOZLOWSKY, L. Educação bilíngüe para surdo: o modelo bilíngüe/bicultural na educação do surdo. *In: V Seminário Nacional do INES – Surdez: Desafio para o próximo milênio.* De 19 a 22 de setembro de 2000. Instituto Nacional de Educação de Surdos. RJ.
- LE BOULCH, J. Desenvolvimento Psicomotor: do nascimento até os seis anos. 7ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- PERLIN, G. T. T. Identidade surda e inclusão. *In: V Seminário Nacional do INES – surdez, cidadania e educação: refletindo sobre o processo de exclusão e inclusão,* de 19 a 22 de outubro de 1998. Instituto Nacional de Surdos: RJ.
- RIZZI, L.; HAYDT, C. Atividades lúdicas na educação da criança. 7.ed. São Paulo: Ática, 1998.



# INCLUSÃO X EXCLUSÃO

Luisa Bergmann<sup>1</sup>

Já se falou muito sobre questões de poder, de submissão dos surdos aos ouvintes, da versão clínica da surdez como uma doença e não como diferença. Da minha parte, proporia repensarmos experiências e conseqüências emocionais comuns a participantes de projetos de **inclusão** na rede regular de ensino e de outros que freqüentam escolas especiais da área.

Vejam os. A palavra **inclusão** pressupõe pertencer à..., sentir-se compartilhando com..., ser identificado com... Então, quem sabe devemos parar para refletir sobre o que seja **incluir**. O que, ou quem, queremos incluir? A pessoa surda a algum lugar, ou queremos incluir “algo” nela?

Penso que o termo **inclusão** pode ser ambas as coisas se a pessoa surda se inserir num contexto e, realmente, se enriquecer dele, se se sentir pertencente à... se puder sentir-se natural e se tudo que lhe chega também for natural.

Faço-me a pergunta, sendo surda, como profissional e imaginando ter um filho surdo: qual o melhor lugar para ele? Escola especial, ou Escola Inclusiva? Mas, como responder a isso se as respostas se guiarão por desejos diferentes? Só imaginar não basta. Será preciso indagar à própria criança surda! Só ela poderá nos mostrar quais podem ser os melhores rumos. A nós cabe apresentar-lhe diferentes tipos de experiência em escolas regulares e nas inclusivas. Cabe-nos a sensibilidade de avaliar o que verdadeiramente a estará beneficiando em todos os sentidos. Não apenas naquilo que desejamos, ou gostaríamos que ela se beneficiasse.

Com efeito, a quem pertence o desejo que entrará em jogo? Dos pais e da sua criança.

Todos os pais querem o melhor para seus filhos. Todos querem ser bons pais e todas as crianças querem ser bem amadas, cuidadas e valorizadas.

Já se parou para pensar o que tudo isto significa? Será que diante do desejo dos pais a criança surda – como qualquer outra criança – não estará se portando como eles acreditam ser o melhor e, embora não o seja, o faz para não perder seu amor? Não será que isso poderia explicar experiências inclusivas que fracassaram?

Reconheço que muitas crianças surdas conseguiram se integrar a escolas regulares. Contudo, voltemos novamente para as escolhas que a própria criança faz e, nesta altura, me pergunto: será que crianças pequenas conseguem decidir sobre o que lhes vai ser melhor? Certamente que não. Todavia, elas podem nos revelar pistas.

---

<sup>1</sup> Psicóloga – PUC/RS. Psicoterapeuta deficiente auditiva. E-mail: luisabergmann@sinos.net  
Realizando Especialização em Psicoterapia Psicanalítica no ESIPP/RS.

Não me sinto numa condição neutra e imparcial pois sou surda severa. Minha experiência pessoal foi de oralização e de integração em escolas regulares que considero boa. Porém, deixo claro que a pessoa surda por mais integrada que esteja sempre experimentará a necessidade de encontrar pessoas iguais a ela : na mesma condição, seja qual for o tipo de surdez.

Hoje, sei que a **inclusão** traz benefícios para aqueles que puderem se desenvolver e se sentir minimamente bem na comunidade ouvinte. No entanto, não acredito que exista uma verdade única sobre a melhor escolha e sim que essa verdade está sempre na criança. A verdade está onde ela for capaz de se sentir feliz e autêntica.

Ambas as experiências, tanto a de **inclusão** quanto a das escolas especiais, têm seus benefícios e falhas. Porém, ainda antes da escola : a criança estará emocionalmente incluída na própria família ? Ela tem seus espaços nessa família ? Como são esses espaços ? Que representação fazem dela seus pais e irmãos ? E ela, de si mesma, nesse contexto original ? Será que a **inclusão** de que se tem falado tanto não começa por aí ? Será que não começa no próprio impacto emocional que a surdez faz disparar dentro das famílias, onde afloram as primeiras relações de qualquer criança surda ? O que acontece com o desejo de seus pais, com os sonhos e as expectativas deles ? E mais : o que ocorre com o desejo delas mesmas ? O que pensar de uma família surda e que tem um filho surdo, mas que também é “surda” para tudo isto ?

Perguntas e mais perguntas...

Ir para uma escola regular pode significar muitas coisas : superproteção, aceitação, descrença, respeito pela diferença, proteção contra frustrações inerentes ao convívio com pessoas ouvintes, possibilidade de pertencer à.... São tantos os significados.

Ir para a escola regular, integrada, também pode querer dizer muitas coisas : desrespeito, crença no potencial da criança, “normalização”, negação da surdez, garantia de futuro, etc, etc, etc...

Não existe uma única escola certa. Existe a escola certa para cada criança, seja surda ou não e, com isso, volto àquela questão anterior : sentimentos sempre estarão por trás das escolhas que fizermos e creio que esses sentimentos são também registrados nas mentes das nossas crianças. Penso que é a isso que elas responderiam, se pudessem, independente de qualquer argumento racional que utilizarmos para justificar uma melhor escola.

Então, voltemos nosso olhar para nossos sentimentos mais íntimos e profundos em relação à criança surda. É isso que a incluirá no mundo e incluirá o mundo nela.

# TEATRO PARA SURDOS

## UMA ABORDAGEM DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO DO NÃO VERBAL AO VERBAL

*Teresa Cristina Siqueira Rêde<sup>1</sup>*

*Paula Guerchon<sup>2</sup>*

*Este teatro proporciona aos alunos espaço para expressar idéias e opiniões, liberar a imaginação, a criatividade e a habilidade de discernir criticamente. Inicia com as facilidades de cada grupo introduzindo atividades de expressão corporal de forma livre proporcionando descobertas das formas de andar, sentir, escutar, falar, reagir, descobrindo diferentes sentimentos, vivenciando a si próprio e depois em diversos personagens numa deliciosa brincadeira de faz de conta, reinventando e se descobrindo em diferentes papéis.*

*Seja no ato de ouvir histórias ou contar, seu corpo vai criando formas e sons, e a comunicação vai se dando com total liberdade de expressão.*

*É uma atividade dinâmica, lúdica e expressiva que enfoca o corporal, sensorial e emocional, englobando formas de comunicação e expressão através do corpo, do desenho, da língua de sinais, da linguagem oral e escrita, na busca incessante das diversas formas artísticas para contar e viver suas próprias histórias.*

*E assim, através da investigação nas diferentes áreas do saber: fonoaudiologia, psicomotricidade e teatro (artes cênicas), vai sendo construído e experimentado o teatro para surdos.*

*O Teatro para Surdos foi criado em 1986 para um grupo de deficientes auditivos. O trabalho com bases psicomotoras e fonoaudiológica é desenvolvido contando com a participação dos surdos e a colaboração de seus amigos e familiares. Em 1991 esta atividade foi incluída como uma opção de atendimento fonoaudiológico na Divisão Fonoaudiológica (DIFON), para algumas turmas do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Em 1992 esta atividade se expandiu com a criação, em Niterói, do Grupo de Teatro Amador A.B.Surdo.*

*O objetivo é oferecer a oportunidade para os surdos utilizarem e conhecerem todo o seu potencial corporal/cognitivo/social, para expressar idéias, liberar a imaginação e a criatividade, propiciar o desenvolvimento de sua habilidade de discernir criticamente, e através das sua potencialidade de comunicação corporal, gestual e língua de sinais, auxiliar a compreensão e estruturação da linguagem oral, com emissão clara, para maior integração.*

---

<sup>1</sup> Fonoaudióloga - INES

<sup>2</sup> Professora - INES

O Teatro para Surdos é uma atividade de grupo que a Divisão de Fonoaudiologia (DIFON) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) oferece aos alunos. Neste atendimento, busca-se através da psicomotricidade a socialização, estimulação auditiva, linguagem e fala. Inicia-se com as possibilidades detectadas nos primeiros contatos com o grupo e, aos poucos, vão se introduzindo novidades, ousando-se sempre, superando dificuldades. Tem como objetivo proporcionar, aos alunos, espaço que lhes permita expressar idéias e opiniões, liberar a imaginação, a criatividade e a habilidade de discernir criticamente.

Este grupo de alunos, com o qual trabalhamos durante o ano letivo de 1993, cursava a primeira série (turma 103), na faixa etária de 10 / 11 anos. Tinham como características: a falta de limite, dispersos, não conseguiam se comunicar oralmente e nem com língua de sinais. Utilizavam seu corpo com movimentos bruscos, puxando o rosto dos amigos pelo queixo, trocando tapas, pontapés, quando queriam alguma coisa. No entanto, demonstravam interesse pelas atividades propostas.

O trabalho foi iniciado com utilização do corpo de forma mais livre e com o auxílio de brinquedos e objetos de coordenação motora ampla tais como: cordas, bolas, bambolês e mobiliários de casa de boneca para que se movimentassem e expressassem suas emoções com liberdade, cuidando-se, porém, de evitar comportamentos que oferecessem riscos.

Utilizando atividades pelas quais demonstravam maior interesse- como no ato de deitar para dormir e acordar brincando de casinha- foi proposto o trabalho de dominar seus movimentos, repetindo várias vezes, a fim de que percebessem seu corpo em sua totalidade, ao mesmo tempo conscientizando-se de cada ação e cada gesto por intermédio da percepção interna e externa. Foi-lhes proporcionada, ainda, oportunidade de exercitar possibilidades corporais no exercício da caracterização e dramatização de animais, dando ênfase ao domínio corporal com atividades de coordenação de braços, pernas, olhos, expressões faciais, equilíbrio e destreza, representando uma ação, um sentimento, uma emoção.

A partir do momento em que já demonstravam maior atenção e entrosamento com o trabalho, iniciou-se a fase de dramatização com seqüência lógica (princípio, meio e fim de temas diversos), posteriormente representados por histórias infantis clássicas: “Os três Porquinhos”, “Cinderela”, “Chapeuzinho Vermelho”, “João e Maria”; bem como obras de autores nacionais: “Pluft, O fantasminha”, ( de Maria Clara Machado), “O Diamante do Grão Mongol” (da mesma autora ) e “O primeiro sorriso de Jesus” (de Odette de Barros Mott).

Após o contato com cada história, os alunos escolhiam o personagem com o que mais se identificavam- herói ou vilão - de acordo com sua percepção do texto. Não raro, desejo e competência se conflitavam porque muitos não se adaptavam ao personagem escolhido, embora todos tivessem chance de tentar o sucesso. Todos tinham oportunidade de dramatizar qualquer personagem de seu agrado, o que acabava tomando o grupo coeso e unido.



Para cada personagem, descobria-se um ritmo corporal com ajuda de um instrumento como foi com o andar do “lobo mau”, por exemplo, ajudado com batidas do atabaque, fortes e rápidas, se contrapondo com a batida do tambor para o andar fraco e vagaroso da vovó. Assim foram sendo estimulados, a recepção do mundo sonoro, a percepção, a associação, a memorização, a identificação, a discriminação, a reprodução de sons, a associação som-palavra tudo através do condicionamento de base: som/silêncio, longo/breve, grave/agudo, forte/fraco, ritmo e entonação. Estas atividades favoreciam a troca, a comunicação e a cooperação, além de trabalhar os movimentos oro-faciais gerais e específicos dos fonemas, vocalizações, silabações, onomatopéias, vocábulos, frases e diálogos.

O resultado do trabalho foi a motivação atingida tendo sido até criada uma história, intitulada “O menino e o cachorro”, com interesses e vivências em comum, que eram o cachorro e a pipa. Esta história foi sendo criada pelo grupo com gestos, língua de sinais, expressão facial e corporal e vocabulário espontâneo (ex: pipa, au-au, papai, mamãe, menino), adquiridos ao longo do trabalho. Depois foi transformado em texto, pela fonoaudióloga, e trabalhada a emissão da estrutura da língua oral. E assim, a história foi sendo melhorada por eles com a dramatização de cada personagem, ação, sentimento, e aprimorada com ajuda de fotos deste processo até o momento da apresentação no auditório do INES. Foi confeccionado o livro de história com as fotos tiradas destas representações, valorizado com ilustrações de cada aluno, e posteriormente escolhidos alguns desenhos deles, criando um só livro de histórias do grupo.

O objetivo geral foi alcançado, ao final deste ano, através da criatividade do grupo aproveitada para o desenvolvimento de cada um, melhorando a atenção visual, auditiva e tátil, a socialização, a comunicação através do seu próprio corpo com movimentos harmônicos, língua de sinais e linguagem oral espontânea, possibilitando melhoria no relacionamento aluno/aluno, aluno/professor, e conseqüentemente melhoria na escolaridade.

## **BIBLIOGRAFIA:**

- BEHLAU, M. & PONTES P. Higiene Vocal .Rio de Janeiro: Revinter, 1999.
- BEHLAU, M. , DRAGONE, M. L. , FERREIRA, A. E. & PELA, S. Higiene Vocal Infantil. São Paulo: Lovise, 1997.
- COUTO, A. Atividades e Recursos Pedagógicos Para os Deficientes da Audição. Rio de Janeiro: MEC / CENESP / UFRJ, 1993.
- ECO, U. Obra Aberta. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- FREIRE, A. M. da F. Aquisição do Português como Segunda Língua. Revista Espaço, nº 9, p. 46-52, jan. / jun. 1998.
- FONSECA, V. da . Da Filogenese a Ontogenese da Motricidade Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

- FONSECA, V. da . Problemas de Aprendizagem. Rio de Janeiro: Icolé, 1987.
- KELEMAN, S. Anatomia Emocional. São Paulo: Summus, 1992.
- KELEMAN, S. Realidade Somática. São Paulo, Summus, 1994.
- KOZLOWSKI, L. O Enfoque Bilingüe / Bicultural na Educação do Surdo. (mimeo.), 1998.
- LOWEN, A. Bioenergética .São Paulo: Summus, 1982.
- LOWEN, A. Exercícios de Bionergética, São Paulo: Ágora, 1985.
- LOWEN, A. O Corpo em Terapia. São Paulo: Summus, 1997.
- MOTALOPES, L. P. Oficina de Lingüística Aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- NORTHERN, J. L.& DOWNS, M. P. Audição em crianças. São Paulo: Manole, 1989.
- PICATTO, C. S. P., MORAES, Z. B.& BORTOLI, S. M. de . Reabilitação da Fala e Audição Através do Ritmo Musical. Curitiba: Lovise, 1989.
- QUINTEIRO, E. A. Estética da Voz. São Paulo: Summus, 1989.
- SABOYA, B. Bases Psicomotoras. Rio de Janeiro: Trainel, 1995.
- SABOYA, B. Emoções Básicas. (Mimeo.), 1998.
- SABOYA, B. Bases Psicomotoras. Rio de Janeiro: Trainel, 1995.

# INCLUSÃO DO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA NO ENSINO COMUM: UMA PROPOSTA AUDIOFONATÓRIA ALTA FLORESTA/MT/1999

*Fga. Roanita F. S. de Britto Redondo<sup>1</sup>*

## RESUMO

No decurso de alguns anos de trabalho fonoaudiológico tivemos a ocasião de diagnosticar e tratar uma população heterogênea de crianças portadoras de deficiência auditiva, apresentando diferentes problemas de inadaptação escolar, nascendo daí a idéia, luta e concretização de um “Centro Educacional Especializado” que melhor atendesse aos portadores de deficiência auditiva.

Hoje, 7 (sete) anos após a fundação do nosso tão sonhado “C.E.E.D.A. – Centro educacional Especializado em Deficiência Auditiva”, comprovamos que não se tratava de uma utopia e, seguindo a evolução político – pedagógica, o estabelecimento especializado que, até agora, tinha a responsabilidade de educar a criança, tem a integração escolar como seu objetivo final, seguindo predominantemente uma metodologia audiofonatória.

Partindo de uma idéia filosófica, sistemática e voluntariamente aplicada, em função do Método Perdoncini, desenvolvido no Brasil por Álpia COUTO-LENZI, que encontrou em Chomsky, a fundamentação linguística do trabalho de estruturação de linguagem dos deficientes da audição, complementando a fundamentação fisiológica, justificamos a necessidade da aquisição da linguagem pela criança surda ser vista como um processo natural, no qual a criança recebe do ambiente as condições necessárias para poder, ela mesma, assimilar o sistema de regras da língua, a partir da linguagem natural que lhe é oferecida, em situações de comunicação.

O problema da integração pode ser resolvido em classes comuns ou em classes especiais em escolas comuns, tendo a escolaridade especial o objetivo final de transformar a criança surda em aluno capaz de viver e de aprender em uma classe comum ou em classes especiais em uma escola comum, orientando e conscientizando os professores do ensino comum de que a dinâmica do ensino da linguagem, criada por eles, é, em grande parte, a responsável pelo sucesso da inclusão das crianças surdas no processo educacional.

Diante do sucesso da Proposta Inclusivista e Audiofonatória deste CEEDA em Alta Floresta/MT, disponibilizamos este Projeto que deverá beneficiar o Processo de inclusão do surdo em toda rede de ensino do País.

---

<sup>1</sup> Fonoaudióloga Especialista no Método Perdoncini. – C.E.E.D.A./CENTRO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO EM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

## JUSTIFICATIVA:

- A atual política educacional brasileira inclui, em suas metas, a integração/inclusão de crianças e jovens portadores de deficiência na escola regular, com apoio de atendimento educacional especializado, quando necessário, devendo esses direitos serem assegurados na prática, por meio de medidas concretas.
- O Ministério da Educação e do Desporto / MEC está empenhado em ampliar a oferta de educação às pessoas com deficiência, em parceria com os municípios, tornando realidade os direitos de cidadania garantidos pela Constituição.
- A Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação e do Desporto, os dirigentes de Educação especial das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação propõem parceria nessa grande jornada de integração dos portadores de deficiência na rede de ensino.
- Admitindo que o objetivo fundamental do professor de Português é o de ampliar a capacidade de comunicação, expressão e integração pela linguagem da população atingida por seu trabalho, parece correto esperar que o currículo deste professor lhe dê condições de avaliar as potencialidades e limitações que caracterizam a expressão e a comunicação de seus alunos; de fixar para eles, com respeito a expressão e comunicação, objetivos viáveis; de examinar criticamente os recursos didáticos que a indústria editorial proporciona. Sabendo que, os professores de outras disciplinas, são professores de Língua Portuguesa também.
- Se para o educador torna-se difícil influenciar a formação profissional dos seus alunos ouvintes, é indispensável ajudarmos e provocarmos a inclusão de nossos alunos deficientes auditivos no ambiente escolar, sendo a finalidade de uma educação da surdez baseada no audio-oralismo, uma vez que, hoje, o que as teorias pedagógicas defendem é que consideremos o aluno como *sujeitos* do processo de construção do seu conhecimento.
- A escola regular é o local onde cada criança se reconhece como participante de uma cultura que é aquela de seus pais e da sociedade à qual pertence.
- O acesso do jovem deficiente auditivo à linguagem oral não pode ser realizado a não ser através de seu desejo de integração ao ambiente de ouvintes, desejo que é frequentemente também dos pais e que deve se realizar o mais precocemente possível.
- Se o que queremos é promover transformações, precisamos reexaminar o nosso jeito de pensar pois, a ação do professor, tanto no que se refere ao seu planejamento, como a sua atuação efetiva na vivência de sala de aula, é determinada pelo seu jeito de pensar a vida, pela sua visão de mundo, pela leitura que faz da sociedade, da educação, do ensino, do seu papel no trabalho, de si mesmo enquanto cidadão, de seu compromisso com o aluno, da relação professor/aluno.

- Torna-se difícil encontrar uma aquisição de linguagem e fala realizada exclusivamente no interior de uma instituição especializada pois, em sua procura de dominar a linguagem, a criança deficiente da audição tem necessidade de defrontar-se com o ambiente de ouvintes para reajustar, a cada instante, sua forma de comunicação à ajuda de seus interlocutores, sendo que, apenas nesse processo de desafio, a criança poderá adquirir um lugar, seu lugar na sociedade que também é sua.
- A metodologia audiofonatória vem preconizar a integração dos deficientes auditivos nas escolas comuns, devendo os mesmos serem recebidos, por estas, por serem capazes de serem membros da escola regular, sem se estabelecer uma integração “selvagem”, sem preparação anterior, que pode conduzir o educando a sérios problemas constatados todos os dias.
- A melhoria de sua maneira de comunicação audio-oral torna mais fácil sua integração social, uma vez que a comunicação por meio de signos linguísticos é o meio humano mais perfeito que o homem pode utilizar.
- O problema que hoje se coloca para a escola, em relação à linguagem, é o de definir o que ela pode fazer, diante do conflito linguístico que nela se cria, tanto com relação entre surdos e ouvintes quanto pela diferença existente entre a linguagem das “camadas populares” e das “classes dominantes”.
- A língua falada é a base da comunicação e sua aquisição normal é indispensável ao desenvolvimento intelectual, embora, infelizmente, não seja, em geral, objeto da atenção dos educadores nos colégios normais, devendo as técnicas de ensino modificar-se à luz dos conhecimentos de psico-fisiologia da linguagem, uma vez que a comunicação é própria das sociedades humanas e, sabiamente conduzida, é a base do progresso e da paz.
- Este Modelo de Inclusão trata de uma realidade, que apresenta uma história, pesquisas, estudos, ações e resultados favoráveis e, o que pretendemos é torná-lo acessível a toda Rede de Ensino que busca reformulações para seus novos objetivos e sua nova função.

## **FOCO DE ATUAÇÃO**

O presente projeto deverá envolver todas as escolas do ensino comum, tendo como foco principal de atuação um “Centro Educacional Especializado em Deficiência Auditiva” – C.E.E.D.A., com regimento próprio, mantido por uma A.A.P.D.S. – Associação de Apoio ao Portador de Deficiência Sensorial, com estatuto próprio, devendo ser uma sociedade sem fins lucrativos, ser declarada de utilidade pública municipal, estadual, com registro no Conselho Nacional de Assistência Social e, hierarquicamente, considerado de Utilidade Pública Federal, sendo que para que seja dado início às suas atividades, basta que a mesma seja constituída, fundada, com registro em ATA e em cartório, para que promova em Assembléia Geral a Constituição do CEEDA - Centro Educacional Especializado em Deficiência Auditiva.

## **CLIENTELA:**

Portadores de Deficiência Auditiva do Município onde o Presente Projeto seja aplicado e região, de acordo com a constituição geográfica de cada local em questão, independente de nível escolar, faixa etária, cor, crença religiosa, condição sócio – econômica; desde que seja comprovada a deficiência auditiva através de avaliação audiológica e estejam devidamente matriculados no C.F.E.D.A. - Centro Educacional Especializado em Deficiência Auditiva - constituído.

## **OBJETIVO:**

Através dos novos conhecimentos, sabemos que a criança “surda-muda” não é senão uma criança surda. Suas potencialidades afetivas e intelectuais são as mesmas das outras crianças. Sua educação, através da metodologia audiofonatória, tem o mesmo objetivo que toda educação de deficientes, sua inclusão no meio das pessoas ouvintes, onde ela continua a participar, com elas, dos estudos e da aprendizagem de uma profissão, visando uma vida pessoal, familiar e social normal.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- O estabelecimento especializado, que até agora tinha a responsabilidade de educar a criança, tem a integração escolar como seu objetivo final e deve deixar isso bem claro para a família, no momento em que esta vem pedir sua ajuda para educar seu filho.
- O princípio de integração escolar do deficiente auditivo é uma finalidade de sua educação, a qual vínhamos procurando há muito tempo, mesmo tendo que enfrentar dificuldades de recursos explícitos ou não da Educação regular, que pensava, com alguma razão, que não deveria se responsabilizar por uma educação para a qual não havia sido preparada, principalmente porque existiam estabelecimentos especializados.
- Auxiliar na formação do educador com a finalidade de torná-lo um propiciador das condições favoráveis para o crescimento da criança, que é um conjunto, uma realidade concreta, em todos os aspectos, segundo as leis evolutivas próprias, utilizando-se de técnicas e atitudes que estejam de acordo com suas possibilidades afetivas, sensoriais, intelectuais.
- Estimular a atuação dos dirigentes e professores que, como líderes, devem tornar-se agentes modificadores da situação atual de segregação desses alunos.
- Formar então, um professor “profissional-cidadão” capaz de estimular a consciência crítica e do domínio efetivo do saber, para que ele possa formar um aluno “homem-cidadão”, capaz de usufruir dos seus direitos e deveres individuais e coletivos.

- Para que aconteça a inclusão do aluno com deficiência na rede de ensino é fundamental que os professores sintam-se apoiados e subsidiados tecnicamente na tarefa de integrar esses alunos no cotidiano da sala de aula tendo o C.E.E.D.A. o objetivo de facilitar o início desse processo, auxiliando na capacitação dos professores e no trabalho de preparação de seus alunos, dos pais e de toda a comunidade escolar.
- Preparar as escolas para aceitarem crianças com deficiências, contribuindo para um melhor atendimento às crianças em geral e também para o desenvolvimento de ações de prevenção e detecção precoce de deficiências.
- Retomar o papel da Educação especial, como parte integrante da educação geral, constituindo-se num conjunto de recursos pedagógicos e de serviços de apoio que facilitem a aprendizagem de todos os alunos portadores de deficiência auditiva, com necessidades educativas especiais.

## **DESCRIÇÃO DA PROPOSTA**

O Presente Projeto visa a inclusão do portador de Deficiência Auditiva no ensino comum através do trabalho especializado de um C.E.E.D.A., que deverá atuar na transformação da criança surda em um aluno capaz de viver e de aprender em uma classe comum ou em classes especiais em uma escola comum, contribuindo em eliminar a defasagem nos conhecimentos escolares dessas crianças e dando base aos professores do ensino comum para que possam dar continuidade ao aprendizado da criança surda quanto às regras da comunicação audiofonatória, praticando-a intensamente, e na aquisição dos conhecimentos escolares de base referente: à função linguagem e à língua, com o auxílio do organograma; o novo sistema de comunicação (matemática) e alguns conhecimentos gerais.

## **METODOLOGIA**

- A surdez consiste na ausência ou perda, em maior ou menor grau, da função auditiva. Os meios de educação vão depender do grau da perda e sua forma clínica.
- É necessário que se torne coerente o ensino da linguagem. As diferentes técnicas devem se utilizar de uma metodologia fundamental, baseada no fato de que a aprendizagem de uma língua deve ser oral.
- O apoio visual é particularmente indicado para o ensino da língua aos surdos. Por falta de motivação material, exige-se que a criança surda seja incentivada, continuamente, a exprimir-se oralmente. Entretanto, isso deve ser feito em um ambiente de prazer, onde o elemento visual ( figuras, desenhos) desempenham um papel fundamental.

- A construção lógica das cenas deve corresponder à construção lógica das seqüências faladas, facilitando a compreensão de uma situação. As repetições frequentes do diálogo permitirão a compreensão do significado em sua totalidade. A construção de diálogos em atividades vivenciadas e sobre figuras cria a possibilidade de evocação e de abstração.
- No método audiovisual o educador deve evitar que seu trabalho tenha uma forma escolar. As cenas construídas sobre o quadro de feltro devem ser antes, durante e depois de sua organização, acompanhadas de expressão corporal, como na aprendizagem da voz e da fala. Os alunos devem participar dessa dramatização, uma vez que a atividade motora leva a um certo prazer, a uma vontade de falar.
- O Trabalho de Educação Auditiva e Linguagem devem fazer parte do Programa de Adaptação Curricular do ensino comum, devendo ser aplicado de forma organizada e sistemática.
- O professor terá um importante papel a desempenhar. Ele aceitou receber uma criança deficiente auditiva em sua classe e deve estar consciente do fato de que a educação em classe comum, para esse tipo de aluno, tem a importância de preparar sua integração social futura. Ele será o alicerce da construção de uma sociedade democrática que possibilitará a *educação para todos*.
- Uma escola comprometida com a luta contra as desigualdades deve ter consciência de seu papel político na luta contra as desigualdades, deve vitalizar e direcionar adequadamente as forças progressistas presentes nestas desigualdades e garantir *a todos* a aquisição dos conhecimentos e habilidades que as instrumentalizem para a participação no processo de transformação social, através de um ensino eficiente, através de instrumentos que lhes permitam conquistar mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social.
- Com evidência, não poderá haver inclusão satisfatória, se a criança e sua família não recebem a necessária ajuda de uma equipe médico-pedagógica especializada, envolvendo professor “itinerante”, fonoaudióloga, psicóloga, pedagoga, assistente social e professores conscientes, não somente da problemática da integração do Surdo, mas também, das condutas que favoreçam sua inclusão. Os Objetivos das Secretarias de Saúde, Educação e Ação Social devem ser interdisciplinares e atuantes neste processo do CEFIDA.
- Essa equipe deve preparar a criança para enfrentar o ambiente dos ouvintes, favorecendo uma integração progressiva, primeiro em tempo parcial, principalmente na pré-escola, que é um ambiente mais acolhedor, a fim de permitir voltar-se para os outros e ser motivada para ir à escola. É, ainda, ela que informa os professores das reais possibilidades de comunicação da criança e do projeto de fazê-la seguir uma escolaridade regular. Enfim, é a mesma equipe que deve levar os pais a estabelecer uma “distância” em relação à escola, propondo-lhes, em um primeiro momento, a utilização



da equipe para evitar uma sobrecarga de solicitações da família à professora da classe comum.

- Será através desse papel delicado de revitalização das diversas funções especializadas que será realizada a inclusão do jovem deficiente auditivo na escola comum, segundo as condições que se seguem.
- Uma vez que a inclusão escolar apresenta, para o deficiente auditivo, dificuldades de adaptação, o educador deverá apoiá-lo e ajudá-lo a vencer. No fim de alguns meses a criança começa a sentir-se a vontade na classe comum, bem com os colegas e com o professor, sendo também bem aceito por todos. O importante é que ela melhora continuamente sua fala e aumenta consideravelmente sua linguagem, como consequência das trocas diárias que realiza na classe e, sobretudo, em consequência do contato com seus colegas ouvintes.
- Se o aluno portador de deficiência necessitar de atendimento específico, ele poderá obtê-lo em *salas de recursos* ou em *salas de apoio pedagógico*, em turno inverso ao da classe comum, ministrado por professor da educação especial (C.E.E.D.A.) que garantirá a supervisão técnica e pedagógica, garantindo o melhor atendimento do aluno. Nem todos os alunos com deficiência têm condições de integrarem-se em classes comuns. Muitos necessitam do atendimento em classe especial, que se constitui numa das formas de integração.
- As crianças portadoras de uma surdez severa e, principalmente, profunda, devem, exceto alguma exceção privilegiada, passar um certo tempo em educação especial, com a finalidade de integração na escola comum, sempre que essas crianças tenham possibilidades.
- Essa integração final não deve esperar o fim da escolarização especial. Durante o atendimento especializado, mesmo que este seja feito em escola especial, o deficiente auditivo irá à escola regular, primeiro em tempo parcial, durante o dia, ou algumas vezes por semana, depois em tempo integral, continuando com um atendimento especializado para apoio no desenvolvimento do mesmo programa escolar que teve na classe comum, e sob todos os aspectos específicos, como linguagem, fala, voz e, ainda, alguma dificuldade que tenha revelado, observada pelo professor da classe comum ou pelo professor especializado.
- Mesmo em tempo parcial, a integração do deficiente auditivo permite uma melhor avaliação do tempo que ainda precisará da educação especial, antes de sua integração definitiva e total na escola regular. É importante notar que inclusão não é sinônimo de abandono da criança. Ao contrário, a equipe médico-pedagógica especializada, em perfeito acordo com a direção da escola comum e da classe em que a criança está integrada, continuará a oferecer a orientação e apoio necessários ao deficiente auditivo e sua família.
- O C.E.E.D.A. deverá promover palestras de profissionais especializados com professores do ensino comum, com os pais, para orientar; discutir

questões relacionadas ao desenvolvimento do filho/aluno; para promover diálogo a respeito das peculiaridades das crianças, buscando, em conjunto, identificar algumas formas de participação da família e integração do educador.

## **CONTINUIDADE E MULTIPLICAÇÃO:**

A A.A.P.D.S. – Associação de Apoio ao Portador de Deficiência Sensorial, mantenedora do C.E.E.D.A. – Centro Educacional Especializado em Deficiência Auditiva, deverá avaliar os custos para implantação e gastos com manutenção, analisando, aprovando e viabilizando os recursos necessários para a implantação do respectivo projeto.

## **AValiação:**

Deverá ser elaborado um cronograma de encontros mensais – entre professores do ensino comum e profissionais da escola especializada – no C.E.E.D.A. local, onde estes deverão repassar informações referente ao deficiente auditivo e sua escolaridade, promovendo um ambiente de trocas de experiências, analisando os resultados observados e vivenciando práticas pedagógicas que favorecem a inclusão proposta.

O C.E.E.D.A. contará com profissional atuando à nível de ensino itinerante, que deverá desempenhar o papel de intercâmbio entre o centro educacional e demais escolas, levando orientações, trocando informações, pesquisando novos casos de deficiência auditiva e responsabilizando-se pela sala de recursos do C.E.E.D.A., que promoverá atendimentos pedagógicos individualizados aos alunos da escola especial e ensino comum, desenvolvendo avaliação constante dos educandos com maiores dificuldades, aplicando texto educacional de acuidade auditiva, e posterior encaminhamento a avaliação audiométrica, com fins em diagnóstico de limiares auditivos do maior número possível de alunos de risco e de séries iniciais.

No Método Audiofonatório, o ambiente social dos surdos torna-se o mesmo dos ouvintes e seus progressos individuais são contínuos e infinitos. Assim a educação de um sujeito surdo profundo não poderá ser realmente avaliada, a não ser em sua idade adulta, sem esquecer que os progressos são suscetíveis de durar infinitamente. Essa nova concepção de educação, aplicada em todos os países, poderá conduzir à integração do ambiente dos surdos ao mundo dos ouvintes. Poderia se chegar a prever que o “mundo dos surdos” tal como é visto atualmente, *seria suscetível de desaparecer em duas ou três gerações.*

## RECURSOS MATERIAIS

AAST - Aparelho de Amplificação Sonora Individual para cada aluno, amplificadores da voz (kazoo),

Pulsatone, Amplificador de Mesa, Jogos de microfone e fone, Instrumentos musicais, Miniaturas que representem o ambiente "real" do aluno, Cartelas de animais, alimentos, vestuários, meios de transporte, etc, Blocos de construção lógica, Quadro de feltro, Aparelho de som, Vídeo, Computador e programas específicos de acesso ao educando, Brinquedos pedagógicos.

## BIBLIOGRAFIA

- ANAIS DO SEMINÁRIO: Educação, Trabalho e Surdez. INES. Rio de Janeiro, 1999.
- ANAIS DO SEMINÁRIO: Surdez: Refletindo sobre os Processos de Exclusão e Inclusão. INES. Rio de Janeiro. 1998.
- CENESP. Atividades e Recursos Pedagógicos para Deficientes da Audição. Fename. Rio de Janeiro, 1983.
- COUTO-LENZI, A. Reaprendendo a ouvir.... Ed. Do autor. 2ª ed. Vitória/ES, 2000.
- COUTO-LENZI, A. O Deficiente Auditivo de zero a seis anos. Ed. Do autor. 2ª ed. Vitória/ES, 2000.
- COUTO-LENZI, A. Percepção da Fala: teste. Teming. Rio de Janeiro, 1997.
- COUTO, A. Como Posso Falar. Ed. Aula. Rio de Janeiro, 1988.
- CRUICKSHANK, W. M. et JONHNSON, G. O. A Educação da Criança e do Jovem Excepcional. Ed. Globo. Porto Alegre, 1983.
- ILARI, R. A Linguística e o Ensino da Língua Portuguesa. Ed. Martins Fonte. 4ª ed. São Paulo, 1997.
- MATTOS, C. L. A Pré escola e o Método Perdoncini. Ed. Cláudia Missagia. Rio de Janeiro, 1996.
- Ministério da Educação e do Desporto MEC. Programa "Brasil em Ação". Manuais: A integração do Aluno com Deficiência na Rede de Ensino Vol. 1;2;3.
- PERDONCINI, G. e IVON, I. Comunicação Infantil. 5ª ed. Ed. Timing, Rio de Janeiro, 1996.
- PERDONCINI, G. e COUTO-LENZI, A. Audição é o futuro da Criança Surda. E. Timing. Rio de Janeiro, 1996.
- PONCE, L. A Língua Portuguesa e o Deficiente Auditivo. Gráfica Portinho Cavalcanti LTDA. Rio de Janeiro, 1998.
- SOARES, M. Linguagem e escola: uma perspectiva social. Fd. Ática. 14ª ed. São Paulo, 1996.





Aula de linguagem das classes adiantadas  
Década de 30 — INES

Capa: Imagem de referência: O cortejo de Diorisio  
Baino-relevo, Museu de Nápoles

**GOVERNO  
FEDERAL**  
Trabalhando em todo o Brasil



**MINISTÉRIO  
DA EDUCAÇÃO**  
BOA ESCOLA PARA TODOS